

Um livro para ouvir

Júlia Lúcia de O. A. da Silva

Um livro para ouvir, apreciar e ler. A obra *Entre ouvidos: sobre rádio e arte*, organizada por Lilian Zaremba, nos convida a uma interação que transcende a leitura linear e nos posiciona em direção a uma leitura/audição para a qual é preciso acionar todos os sentidos a fim de apreender o que a organizadora articulou por meio dos textos, grafismos e registros fotográficos inusitados que acompanham a obra.

São, ao todo, 31 textos – entre artigos, relatos de experimentações, objetos, performances e instalações – envolvendo o som, palestras apresentadas em Bienais de Rádio e em eventos, como a exposição *O que eu faço é rádio*, realizada em setembro de 2006, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), em Niterói.

As diversas experiências e percepções relatadas estão em consonância com as possibilidades que se evidenciam para o meio rádio e sua capacidade ilimitada de incitar o imaginário e provocar sensações em seu ouvinte.

Lilian Zaremba, doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, roteirista e produtora da Rádio MEC-FM, inaugura o livro alertando para o fato de que, devido às formatações das programações das emissoras radiofônicas condicionadas pelo modelo industrial de entretenimento e informação eficaz, quase nos esquecemos do potencial do meio para criar sensações e proporcionar novas experiências ao ouvinte inserido numa sociedade saturada de sons e imagens.

Em oposição a esses modelos, Zaremba abre espaço para os movimentos, propostas de artistas e pensadores que reforçam a prática de um rádio dialógico, sem padrões, um rádio polimorfo no qual o corpo é parte

Entre Ouvidos: sobre rádio e arte

Lilian Zaremba
(Org.)

Rio de Janeiro: Soarmec/
Oi Futuro, 2009. 195 p.



integrante, participante e significante. A pesquisadora fala sobre “dobras”, espaços detectados nos modelos cristalizados para acionar experiências de escuta, de encantamento com o sonoro. A meta é reinventar a estética, a gramática radiofônica, para, enfim, construir e desconstruir padrões de escuta.

A fusão de linguagens, ou seja, a integração do som nas artes plásticas, presente a partir da segunda metade do século XX, é uma das propostas destacadas e que aponta para a utilização do rádio além de sua configuração midiática.

Nesse sentido, objetos radiofônicos como o *Telembau* e *Decabráquido* de Paulo Nenfídio, a instalação de um rádio imaginário na boca cinza do exaustor externo do prédio do MAC (RJ), por Augusto Maulbouisson, e os instrumentos incitantes e provocativos de Walter Smetak, são relatos que questionam os padrões de escuta e propõem novas experimentações com a materialidade sonora.

Como exemplos das “dobras” apontadas por Zaremba estão os relatos de Cynthia Gus-

mão, Roberto D'Ugo e Júlio de Paula que, por meio de programas produzidos e veiculados pela Rádio Cultura FM de São Paulo (Fundação Padre Anchieta), exploram as possibilidades do meio para provocar o ouvinte.

Seja por meio dos silêncios (pausas) explorados por Cynthia Gusmão no programa *Mapa Mundi*, das vozes registradas e introduzidas do ouvinte anônimo pelo programa *Veredas*, de Júlio de Paula, ou pelas alegorias de Samuel Beckett acompanhadas das teorias proféticas de Marshall McLuhan consolidadas na peça radiofônica *Interface/Alterface* de Roberto D'Ugo, o leitor é convidado a experimentar novas possibilidades de fazer rádio.

Transfaces. O movimento forjado em música de Daniel Castanheira; *Cyclophonia, radiotelephonia e celular* de Leo Fuks e *Ações efêmeras no espaço telemático* e *Arte no ar* de Romano são relatos de um rádio em tempo de tecnologias digitais, que apresentam novas possibilidades de produção e de interação, de novos paradigmas comunicacionais que incidem de maneira singular sobre os ouvintes e a paisagem sonora de nosso tempo.

Expoentes da literatura e suas relações com o rádio ou com seus elementos constituintes, como a voz, são tratados por Stephen Berg em Pound *Radiotraidor*, por Rogério Luz em *Kafka e Beckett, a voz sem dono*. Berg traz uma espécie de dossiê sobre as atividades controversas do poeta americano Ezra Pound, veiculadas por uma rádio italiana no período da segunda Guerra Mundial. Destaque para a preocupação de Ezra com a performance de voz.

A crítica à redução do meio rádio como instrumento ou protagonista das relações de poder, e as brechas existentes para o rompi-

mento com este papel, são apresentadas nas provocações e experimentações de Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Felix Guatarri, Murray Schaffer, John Cage e outros. Em *Ondas Benjaminianas*, Paulo Roberto Pires revela a relação do teórico alemão Walter Benjamin com o meio de comunicação de massa que envolveu a Alemanha a partir de 1920. Do desprezo ao reconhecimento das possibilidades que o rádio apresentava para a busca de liberdade e da democratização da informação, o autor apresenta a contribuição de Benjamin no desenvolvimento de uma linguagem pertinente ao meio e seus recursos expressivos.

Rodrigo Manzano, em *Ouvindo Repórter 2.0*, parte das críticas de Deleuze e Guatarri sobre o papel da comunicação como elemento de controle para apresentar as intersecções possíveis entre o rádio e a arte para uma prática libertadora através deste meio. Deleuze é convocado novamente por Mauro Sá Rego Costa em *John Cage, rádio arte e pensamento* quando discorre sobre as aproximações da arte e o meio rádio realizadas por Cage.

Múltiplas como as possibilidades que o próprio meio rádio disponibiliza, *Entre ouvidos: sobre rádio e arte*, reúne reflexões, relatos, críticas e registros que provocam o leitor a questionar, ler e escutar o rádio para além da simples audição.

(resenha recebida dez. 2010/aprovada março 2011)

Júlia Lúcia de O. A. da Silva, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e docente da UNISA. Integra o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Autora de "Rádio: oralidade mediaticizada" (São Paulo: Annablume, 2009).